

## **MIGUILIM EM CENA: PROCESSO DE MONTAGEM**

*Célida Salume Mendonça*

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Palavras-chave: ensino de teatro, texto, processo, montagem

“Miguilim, Miguilim, vou ensinar o que agorinha eu sei, demais: é que a gente pode ficar sempre alegre, alegre, mesmo com toda coisa ruim que acontece acontecendo. A gente deve de poder ficar então mais alegre, mais alegre, por dentro!”

João Guimarães Rosa

*Manuelzão e Miguilim*, as duas novelas que compõem o livro de João Guimarães Rosa faziam parte originalmente da obra *Corpo de Baile* (1956). A primeira delas, intitulada “Campo Geral” conta a história de Miguilim, um menino que morava com sua mãe, seu pai e seus irmãos, no Mutum, no meio dos Campos Gerais. Retratando o universo infantil dessa criança e sua dolorosa descoberta do mundo e das relações entre as pessoas, o texto de Guimarães Rosa é povoado pelos medos de Miguilim, em meio a suas tentativas de entender a vida. A impressão causada pela primeira leitura deixa um gosto amargo: dor, perdas, vazio e a ameaça da morte rondando o imaginário de uma criança. Os costumes rudes e as paixões selvagens, assim como os abismos inventados pelo autor tornavam o texto denso. No entanto, uma segunda leitura me permitiu descolar desse mundo sombrio as imagens dos brinquedos, os momentos com os irmãos, as crendices e o cheiro desse lugar.

O texto de Guimarães havia sido o escolhido para o desenvolvimento de um processo de montagem. A proposta de um percurso criador foi apresentada a uma turma de vinte e três alunos do Módulo III de Licenciatura em Teatro da UFBA no componente Montagem Didática II, que previa a criação de cenas direcionadas principalmente para o público infantil a partir de textos narrativos e jogos improvisacionais. Um processo que pudesse ser desenvolvido no sistema formal de ensino por esses alunos. Os encontros semanais de quatro horas/aula teriam como maior desafio a transposição do texto não dramático para a cena. Por um bom tempo não foi revelado aos alunos o texto selecionado para a montagem, o que despertou em alguns, curiosidade e expectativa, e em outros, desconforto, dúvida e ansiedade:

O início do semestre com as improvisações, os pacotes de estímulos, a utilização de fragmentos de textos, que aparentemente pareciam desconexos, era muito instigante, e mais ainda, a espera pelo nome do texto. Tudo parecia muito descolado e para mim, com a metodologia que estava sendo empregada, não funcionaria, logo, não teria um produto final de qualidade. Porém não percebíamos que tudo aquilo já fazia parte da história de Miguilim. (L. S. C., UFBA)<sup>1</sup>

Em minha opinião, ler o texto “Campo Geral” ou assistir ao filme *Mutum*<sup>2</sup> tiraria dos alunos a possibilidade de experimentação em torno do tema, assim como a construção de imagens inesperadas. A história de Miguilim se restringiria inicialmente a meu pré-texto subsidiando as escolhas metodológicas no processo de criação desenvolvido nas aulas. Um pacote de objetos incluindo fragmentos de cartas foi oferecido como ponto de partida - estímulo coletivo que gerou as primeiras personagens. O *estímulo composto*<sup>3</sup> permitiu imaginar personagens e história a partir de alguns objetos selecionados para introduzir a atmosfera da narrativa.

Fotos de pessoas antigas, chapéu de palha, rapadura, panela, colhe de pau, esses foram alguns dos objetos que foram apresentados no início do processo, no pacote de estímulos. Não tínhamos nenhuma idéia do que seria o trabalho ou texto, mas conseguimos desenvolver, pensamentos, forma, cor, sentido e vida de tudo que foi apresentado. (I. S. F., UFBA)

Os possíveis personagens foram interrogados para que mais elementos da trama viessem à tona. E em seguida, em grupos, os alunos criaram imagens congeladas e cenas que retratavam diferentes momentos da narrativa construída.

Observando o processo por dois diferentes ângulos: o primeiro no que diz respeito à estrutura seqüencial de uma aula e o segundo no que se refere ao transcorrer de todo o percurso em etapas, opto por nunca iniciar o trabalho com uma leitura de mesa ou discussões sobre o tema. Nessa direção, Peter Brook afirma a importância de começar um processo pela ação, apontando como equívoco iniciar o trabalho com uma discussão intelectual, indicando como fonte de descoberta o desvelamento do texto pela ação: “A compreensão intuitiva através do corpo pode ser estimulada de muitas maneiras diferentes, e depois, no mesmo dia, pode haver também momentos de repouso em que a mente vai exercitar calmamente sua função específica” (Brook, 2002: 92).

No decorrer das aulas os exercícios e jogos propostos antes das improvisações introduziam diferentes elementos (voal, elásticos) que deveriam ser utilizados no processo, alterando assim o caminho de uma estética apenas realista. Os jogos tinham ainda o objetivo de criar uma atmosfera de trabalho e conduzir os alunos ao contexto da narrativa, reaproximando-os da infância de cada um. Alguns exercícios realizados em duplas e em grupo possibilitavam maior contato entre os integrantes da turma exercitando relações sugeridas pela história de Miguilim. Para Peter Brook, os exercícios recuperam uma percepção coletiva indispensável para unir o grupo, transformando-os numa equipe sensível e vibrante. Um *movimento oculto*, como é sugerido pelo encenador, é quem guia o olhar do *professor condutor*<sup>4</sup> em suas escolhas, que só ao final são compreendidas como etapas de seu plano reveladas.

Aos poucos o texto foi aparecendo no decorrer do processo que incluía fragmentos da narrativa de Miguilim. As cenas propostas eram improvisadas de inúmeras maneiras por diferentes grupos resultando numa diversidade de combinações. Em outro momento, os alunos

tiveram contato com o texto como objeto de jogo, por meio da apropriação lúdica de diferentes passagens da história. As frases eram lidas e experimentadas em diferentes modalidades, como sussurrar o texto no ouvido dos parceiros sentados de olhos fechados. Para Maria Lúcia Pupo (2005), os jogos de apropriação do texto têm como finalidade que o aluno se impregne sensorialmente do texto através da exploração de sua materialidade, antes de passar para a improvisação teatral, o que permite a descoberta de conotações inesperadas. Em uma nova etapa, os alunos eram orientados na construção de partituras de ações a partir de cenas já trabalhadas, focando ações e reações físicas e vocais, dentro do momento da narrativa *recortado* por cada um. A diversidade de estratégias para atingir o mesmo objetivo contribuía para manter a absorção do grupo no percurso criativo. Ao proporcionar um processo de montagem no sistema formal de ensino (escola) é importante que o professor de teatro tenha presente a organicidade distanciando-se de um percurso mecânico que se reduza a ensaios. Segundo Flávio Desgranges: “O processo de construção precisa carregar uma tensão e um interesse investigativo que sustentem essa prática, possibilitando uma rica experiência artística e efetiva apreensão da linguagem” (DESGRANGES, 2003: 72)

Após as apresentações das improvisações realizadas em sala havia o debate onde os alunos falavam sobre as cenas, abordando as imagens que surgiam:

As imagens que o grupo produziu através dos jogos, das improvisações, dos pacotes de estímulos foram imagens belíssimas e de fundamental importância para o nosso produto. O fato de, às vezes, mais de um grupo trabalhar com a mesma passagem do texto de Guimarães Rosa possibilitou que tivéssemos mais de um resultado para a mesma situação, enriquecendo assim o processo: poderíamos optar por uma das imagens ou mesclá-las naquilo que fosse possível. (B. P. S., UFBA)

Já havia um texto teatral sendo construído. Boa parte do processo era filmado e fotografado. O texto de Guimarães é enfim apresentado aos alunos. Era chegada a hora de escolher as cenas que melhor representariam o universo de Miguilim. Os roteiros organizados incluíam muitos elementos das cenas criadas, que foram selecionadas pela beleza das imagens ocasionadas ao grupo. Para Peter Brook “um texto só ganha vida através de detalhes, e os detalhes são frutos da compreensão” (BROOK, 2002: 95). No intuito de tornar o texto mais leve e poético, a seqüência das cenas foi encadeada mesclando momentos de tristeza e alegria no universo infantil, e minimizando as mortes presentes na história original. No transcorrer do processo, um dos alunos observou como o silêncio, a pausa, o vazio e a escuta mostravam-se significativos na construção das cenas. Com o roteiro em mãos chegamos ao momento da divisão das personagens. Para que todos estivessem em cena, alguns papéis seriam então duplicados, e os Miguilins seriam representados por três alunos e duas alunas; além da presença de um novo personagem, o contador de histórias. Um passeio/laboratório foi organizado em um povoado do Recôncavo Baiano que conservava a atmosfera interiorana. A experiência

possibilitou aos alunos o contato com crianças que ainda brincavam nas ruas de gude, caçavam passarinhos e inventavam seus brinquedos, o que permitia aos mesmos sugerir elementos para a composição das cenas. Em relação à linguagem que estariam utilizando, os atores falariam aproximando suas próprias palavras do universo sertanejo, cuidando apenas para evitar termos mais atuais. O cenário e o figurino inspirado na obra de Portinari foram pensados por equipes que traziam suas propostas para o grande grupo. Entre as dificuldades do processo estavam a ausência de alguns alunos menos presentes, e as dúvidas em relação ao formato final do trabalho. Finalizando o primeiro semestre de 2008, *Miguilim* se mostrava ao público da Sala 5 na Escola de Teatro possibilitando aos alunos reconhecer e olhar de outra forma as etapas de uma montagem em permanente processo de revelação.

<sup>1</sup> As indicações que se sucedem aos depoimentos dos alunos do curso de Licenciatura em Teatro da UFBA (Salvador-BA) – Módulo III (2008), referem-se às iniciais de seu autor e a instituição. O formato escolhido objetiva diferenciar os fragmentos retirados de textos reflexivos sobre o processo.

<sup>2</sup> Mutum, um lugar isolado no sertão de Minas Gerais, onde se passa a história do menino Thiago (Miguilim) e sua família, é o título do longa-metragem da diretora Sandra Kogut, baseado na obra *Campo Geral* de João Guimarães Rosa. O filme lançado em 2007 mostra sob o olhar infantil do menino, o mundo nebuloso dos adultos, com suas traições, violências e silêncios.

<sup>3</sup> A noção de estímulo composto sistematizada por John Somers, permite imaginar personagens e histórias no Drama, a partir da combinação de objetos e documentos, que sugerem conteúdos e espaços ficcionais nos quais estes estejam envolvidos.

<sup>4</sup> Alguns pesquisadores utilizam ainda os termos *professor/diretor* como Beatriz Cabral ou *mestre- encenador* como Marcos Bulhões Martins, expressões que definem o papel do professor de teatro como condutor dos processos criativos.

### **Bibliografia**

1. BROOK, Peter. **A porta aberta. Reflexões sobre a Interpretação e o Teatro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

2. DESGRANGES, Flávio. **A Pedagogia do Espectador**. São Paulo: Hucitec, 2003.

3. PUPO, Maria Lúcia de Souza Barros. **Entre o Mediterrâneo e o Atlântico, uma aventura teatral**. São Paulo: Perspectiva: CAPES-SP: Fapesp-SP, 2005.

4. ROSA, João Guimarães. **Manuelzão e Miguilim: (Corpo de Baile)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

5. SOMERS, John. “Drama e História – Projeto Peste Negra” in CABRAL, Beatriz, org. **Ensino do Teatro: experiências interculturais**. Florianópolis: Imprensa Universitária, UFSC, 1999.